

CARTAS DO PADRE FERNÃO CARDIM (1608-1618)

Pablo Antonio Iglesias Magalhães*
Maria Hilda Baqueiro Paraíso**

Resumo: Este artigo apresenta a transcrição da Carta Ânua de 1607 que pode ser atribuída, em parte, ao jesuíta Fernão Cardim, Provincial da Ordem no Brasil e Reitor do Colégio da Bahia. Além desta missiva, outra carta de Cardim escrita em 1618, inédita até o presente, acompanha o texto. As missivas possibilitam uma investigação acerca das sociedades indígenas no litoral do Brasil e as relações de poder durante o processo de colonização, além de apresentarem fatos desconhecidos pela historiografia, como as epidemias que atingiram as aldeias por volta de 1607, matando centenas de índios.

Palavras-chave: Fernão Cardim; Cartas Jesuíticas; Sociedades Indígenas

Abstract: This article presents the transcription of the Letter Assents of 1607 which can be attributed, in part, to the Jesuit Fernão Cardim, Provincial of the Order in Brazil and Rector of the College of Bahia. Besides this letter, another one of Cardim's, written in 1618, unknown until nowadays, follows the text. The letters makes possible an inquiry concerning the indian societies in the coast of Brazil and the power relationships during the settling process, as well as presenting unknown facts for the historiography, such as the epidemics that had reached the villages around 1607, killing hundreds of indians.

Keywords: Fernão Cardim; Jesuitic Letters; Indians Societies

* Doutorando do Programa de Pós Graduação em História da UFBA.

** Professora do Departamento de História do Programa de Pós Graduação em História da UFBA.

1 – A Carta Ânua de 1607: controvérsias acerca de sua autoria

O jesuíta Fernão Cardim é reconhecido como um dos mais atuantes religiosos na Província do Brasil, tanto pela sua biografia quanto pelo seu legado intelectual. Nasceu em Viana de Alvaro, Arcebispado de Évora, filho de Gaspar Clemente e sua mulher Inês Cardim, de família antiga em Portugal. Seu irmão mais velho, Jorge Cardim Fróis, ocupou vários cargos na administração da Justiça e seus outros irmãos, Lourenço Cardim e Diogo Fróis, também pertenceram à Companhia de Jesus. O primeiro, acabados os estudos e ordenado sacerdote, passou para o Brasil em 1585, mas foi morto em viagem por corsários franceses; o segundo foi lente de Teologia moral no Colégio e Universidade de Coimbra, quando na ocasião da peste de Lisboa (1568-69), acudindo aos moradores contaminados, terminou infectado e morreu no hospital da cidade.

A data de nascimento de Cardim é, não obstante, incerta. Qualificando-se em 14 de agosto de 1591, perante a mesa do Santo Ofício, presidida pelo visitador Heitor Furtado de Mendonça, na cidade do Salvador, declarou ter quarenta e três anos, “*pouco mais ou menos*”.¹ Teria, portanto, nascido em 1548 e entrou para a Companhia em 1566. Já era professo dos quatro votos e ministro do Colégio de Évora, quando foi designado, em 1582, para companheiro do Padre Visitador Cristóvão de Gouveia; passou a Lisboa em princípios de outubro daquele ano, onde permaneceu por cinco meses, até que a 5 de março de 1583, com o governador Manuel Teles Barreto, o Visitador Cristóvão de Gouveia e outros padres, embarcou para o Brasil, chegando à Bahia a 9 de maio. Veio como secretário do Visitador e ficou no Brasil após a volta do mesmo para Portugal. Ocupou os cargos de Reitor dos Colégios da Bahia e do Rio de Janeiro. Nesse período escreveu seus textos mais conhecidos.

As obras de Cardim que se situam no primeiro plano das crônicas quinhentistas suscetíveis de servir à história da colonização são os tratados *Do Clima e a Terra do Brasil*, *Do Princípio e Origem dos Índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimoniais* (c. 1584) e a *Narrativa Epistolar de uma viagem e missão jesuítica*. Os dois primeiros saíram em inglês, publicados em Londres no ano de 1625, com o título *A Treatise of Brasil written by a Portugall which had long lived there* na coleção *Purchas his Pilgrimes*, Vol. IV, páginas 1289-1320. Em 1881 e 1885,

respectivamente, foram publicados na cidade do Rio de Janeiro os dois escritos em português, de acordo com uma cópia manuscrita encontrada na Biblioteca Pública de Évora. A *Narrativa Epistolar* imprimiu-se pela primeira vez em 1847, na Imprensa Nacional de Lisboa, por Francisco Varnhagen.²

Em 1925 saíram em um único volume os três principais escritos de Fernão Cardim, precedidos de um estudo da autoria de Rodolfo Garcia, e com o título de *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. A introdução e notas foram de Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia, editado pela J. Leite & Cia com 434 páginas. A 2ª edição dos Tratados compõe o volume 168 da Coleção Brasileira, publicada em São Paulo pela Companhia Editora Nacional em 1939, contando 379 páginas e a 3ª edição foi publicada em 1978, também na Coleção Brasileira. A primeira edição dos Tratados publicada em Portugal foi feita sob o auspício de Ana Maria Azevedo em 1997. Foi publicada nos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro uma carta de Cardim ao Geral da Ordem, o Padre Aquaviva, escrita na Bahia em 8 de maio de 1606. A referida carta trata da difusão do manuscrito da biografia de José de Anchieta escrita pelo Padre Pero Roiz.³

Chegando ao Brasil em 1583, redigindo seus tratados depois dessa data e antes de 1601, Cardim encontrou parte das sociedades indígenas do litoral já em grande parte catequizadas. Excetuada a *Narrativa Epistolar*, que contém informações pessoais, os outros escritos fundam-se em grande parte nas notícias deixadas por outros observadores. Graças à *Narrativa Epistolar* temos a notícia de quantos engenhos funcionavam nos vários centros da colônia, qual a sua produção em arrobas de açúcar, quantos eram os habitantes brancos, índios e negros, quais os mantimentos de que se sustentavam, as roupas de que se vestiam, os jogos e divertimentos em que se entretinham. São bem conhecidas suas afirmações sobre a *dolce vita* da gente de Pernambuco, onde Cardim diz ter encontrado mais vaidade do que em Lisboa.

A *Informação da missão do Padre Cristóvão de Gouveia às partes do Brasil, ano de 83*, desta coleção de manuscritos anteriormente publicados, consiste de duas longas cartas. Estas narram as experiências de um missionário jesuíta durante sua jornada através das Capitanias da Bahia, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, entre

os anos de 1583 e 1590. Entre 1596 e 1597 conviveu com José de Anchieta no Colégio do Rio de Janeiro.

Em 1598 foi eleito pela congregação provincial para Procurador da Província do Brasil em Roma. Retornando desta missão para o Brasil, embarcou em Lisboa a 24 de setembro de 1601, na urca flamenga São Vicente. No caminho, a urca encontrou duas embarcações bem artilhadas de corsários ingleses, sob comando de Francis Cook. Foram capturados o Visitador da ordem João Madureira, o Padre Gaspar Álvares e o próprio Cardim. O Padre Madureira morreu no mar a 5 de outubro e os outros foram encarcerados na Inglaterra. Primeiramente em Plymouth, a maior cidade do condado de Devon, na Cornualha, localizada na foz do rio Plym a 310 quilômetros a sudoeste de Londres. Posteriormente foram remetidos para Gatehouse, uma prisão situada em Westminster, em Londres, construída no ano de 1370.⁴

Desta epopéia restou uma dezena de epístolas de Cardim, conservadas na Hatfield House, situada na parte velha da cidade do mesmo nome, no Hertfordshire. Algumas destas cartas foram publicadas na coleção *Calender of Historical Manuscript of the Marquis of Salisbury*, a partir de 1906. Estas cartas saíram em inglês e sofreram mutilações em diversos trechos. Os originais preservados foram escritas em latim e espanhol, até porque Cardim não falava inglês.⁵

Existem, contudo, mais manuscritos que foram legados ou podem ser atribuídos, em parte, a Fernão Cardim. Nas suas anotações à primeira edição dos Tratados, Capistrano de Abreu lamentou não haver encontrado qualquer Carta Ânua do provincialato de Cardim, mas conjecturou que elas deveriam existir, “*para maior segurança*”, dispersas em vários arquivos do continente europeu e que estas ainda apareceriam. O “quase vaticínio” do historiador cearense tinha fundamentos. Quase vaticínio porque Caspitrano não previu o futuro, mas conhecia bem o passado. Informações do provincialato de Cardim surgem de maneira esparsa na obra do Pe. Fernão Guerreiro, publicada em três volumes na primeira década do século XVII. Apesar disto, o Padre Guerreiro não conheceu esta Ânua, pois afirma que “não vieram nestes próximos anos desta província [do Brasil], cartas gerais”. Isto explica o motivo deste documento não ter sido impresso na sua coletânea.⁶

Logo, infere-se que Guerreiro tivera acesso à infomações enviadas do Brasil, possivelmente através das Ânuas.

A intuição de Capistrano de Abreu foi correta. O Cartório Jesuítico da Torre do Tombo, em Lisboa, conserva um valioso documento que trata do Brasil no alvorecer do século XVII: A Carta Ânua de 1607.⁷

As cartas ânuas são informes, regularmente enviados para o Padre Geral da Companhia de Jesus em Roma, acerca dos episódios locais que envolvem os institutos e religiosos da referida ordem. Essas cartas, para além do que toca aos religiosos, apresentam notícias diversas acerca das sociedades onde estes institutos se estabeleceram. Por isso, no tocante à História do Brasil colonial, essas cartas assumem valioso interesse para etnólogos, antropólogos e, obviamente, historiadores.

Ademais, este documento pode ter sido, em alguma medida, da autoria de Fernão Cardim. A Ânua de 1607, guardada em Lisboa, possui 6 folhas em tamanho fôlio. É datada de 3 de agosto de 1608 e possui a assinatura, ao fim, do Padre Manoel Cardozo. Está escrita em língua portuguesa com excelente caligrafia. Sem dúvida, letra de um copista profissional.

O Padre Serafim Leite, historiador dos jesuítas no Brasil, não conheceu a presente versão da Ânua em língua portuguesa. No catálogo dos escritores da Companhia de Jesus no Brasil, nos tomos VIII e IX da sua História, não existe qualquer referência a esse documento de 1607 em português. Aliás, é possível afirmar que o Padre Serafim Leite não aprofundou suas pesquisas no Cartório Jesuítico da Torre do Tombo, centralizando-as no *Archivum Societatis Iesu* em Roma (ARSI), o mais importante e centralizado arquivo da ordem. O Cartório Jesuítico, não obstante, preserva valiosos documentos para pesquisadores que tratam do período colonial do Brasil.

Serafim Leite, contudo, conheceu uma versão latina desta mesma ânua, guardada no ARSI. Leite aponta duas particularidades do documento que viu. A primeira é a data: 2 de agosto de 1607; no dia anterior da conservada em Lisboa. A segunda particularidade é a autoria da carta, que Leite atribuiu ao Padre Gaspar Álvares.

Enquanto a versão latina seguiu para o Geral da Ordem em Roma, a versão em português foi endereçada ao Provincial de Portugal, Jerônimo Dias, e guardada entre os papéis do Colégio de Santo Antão de Lisboa até ser transferida para seu local atual, no Arquivo Nacional. Pela datas, é óbvio que a versão latina é datada de um dia anterior à versão

portuguesa. É possível que o exemplar de Lisboa seja uma tradução da que foi escrita um dia antes. Parece estranho que dois autores atribuam a si a autoria do mesmo texto. Por outra via, suscita uma dúvida: Qual o verdadeiro redator da ânuia de 1607?

Pela lógica das datas, podemos descartar a autoria do Padre Manoel Cardoso. Cardoso era Professor no Colégio da Bahia. Nasceu em data não precisa, mas em torno de 1575, na Vila de S. Vicente, e ingressou na Ordem na capitania da Bahia em 1592. Foi Mestre em Artes, Professor e Pregador no colégio de Pernambuco (o Reitor era Luiz Figueira) com as funções de “*pregador, confessor, Prefeito de Estudos, e Mestre de Casos, Língua.*” Ainda segundo Serafim Leite, era homem de ciência e virtude. Faleceu *in itinere*, a 28 de Outubro de 1628. Leite só lhe atribui a autoria de um pequeno escrito: a “Aprovaçam da Arte da Lingua Brasilica”, de Luiz Figueira, datada de Olinda em Dezembro de 1620.⁸

Quanto ao autor da versão latina, Padre Gaspar Álvares, Leite afirma que nasceu por volta do ano de 1570 em Cabeço de Vide e entrou na Companhia em Évora em 1586. Era mestre em Artes e ensinou Letras Humanas e Teologia Especulativa e embarcou para o Brasil em 1601, caindo prisioneiro de piratas ingleses. Resgatado com o Padre Fernão Cardim, que muito o estimava, embarcou com ele novamente para o Brasil em 1604. O Catálogo de 1607 trá-lo na Bahia ocupando o cargo de pregador e consultor do Colégio, mas já não consta no Catálogo seguinte de 1610. Leite também lhe atribui um único escrito: *Anuæ Litteræ Provinciæ Anni 1607*, da Bahia, 2 de Agosto de 1608 que, dentre outros assuntos, trata também da missão dos Padres Francisco Pinto e Luiz Figueira a Serra de Ibiapaba.⁹

A existência dessas duas cartas com o mesmo conteúdo e datadas com um dia de diferença suscita, não obstante, uma ressalva: algum desses dois religiosos foi o legítimo autor da Ânuia? Poderia ser, de fato, o Padre Gaspar Álvares, sendo o Padre Manuel Cardozo apenas o tradutor. Por que motivo, contudo, o Padre Cardoso tomaria para si a autoria da Carta na versão portuguesa? A resposta é que, possivelmente, nenhum dos dois acima referidos foi o legítimo autor do texto. Estes podem ter servido de copistas, mas não autores. O fato é que o documento demonstra ser uma compilação de cartas ânuias enviadas dos colégios do Brasil condensadas num único texto.

Quem seria, então, o lúdimo compilador da *Ânu*a de 1607? Existem alguns indicadores que apontam para o Padre Fernão Cardim como o organizador da mesma. Possivelmente o Provincial selecionou as informações mais importantes dos originais das cartas enviadas dos colégios espalhados pelo Brasil e condensou num só texto. Isto pode ser observado, por exemplo, nas informações contidas na *Ânu*a de 1607 sobre os acontecimentos ocorridos na Serra de Ibiapaba, que são muito semelhantes às contidas em duas relações encaminhadas pelo Padre Luiz Figueira; uma destas endereçada ao próprio Cardim.

A *Ânu*a de 1607 pode conter também anotações do próprio Fernão Cardim, principalmente as informações referentes à Bahia, onde residia, ocupando o cargo de provincial entre os anos de 1604 e 1609.¹⁰ Seu cargo lhe dava autoridade suficiente para supervisionar e interferir na elaboração da *Ânu*a.

Cardim já havia escrito ou interferido nas *Ânu*as anteriores desde que assumira o cargo de provincial da ordem no Brasil. Serafim Leite afirma que pelos menos duas *ânu*as foram escritas integralmente ou anotadas por Fernão Cardim:

Annotationes Anuæ Brasiliæ anni 1604 (ao P. Assistente de Portugal em Roma), Baía, 12 de Janeiro de 1606. (Brasiliae 8, 49-50v). Latim.

Anuæ Litteræ Brasiliæ Provinciæ, annorum 1605 et 1606 (ao P. Assistente de Portugal em Roma), Baía, 11 de Abril de 1607. (Brasiliae 8, 59-64). Latim.¹¹

No cargo de Provincial, Cardim tomou para si a incumbência de redigir a *ânu*a anterior de 1605-1606 e escreveu anotações para a *Ânu*a de 1604. Não parece ter sido diferente na *Ânu*a de 1607. A parte relativa às aldeias e ao Colégio da Bahia parecem ter sido copiadas de anotações do próprio Cardim.

A Carta *Ânu*a de 1607 não seria o primeiro texto de Fernão Cardim atribuído a outro autor. Em 1885, João Capistrano de Abreu publicou no Volume 1 dos *Materiaes e Achegas para a História do Brasil* a “*Informação da Província do Brasil para nosso Padre (1585)*”.¹² Embora incluída entre as cartas e informações de Anchieta, está hoje fora de dúvida que não foi redigida pelo canarino, mas segundo todas

as probabilidades, pelo Pe. Fernão Cardim. Averiguaram-se, com efeito, entre seus escritos e os de Anchieta coincidências que não devem ser puramente fortuitas.

Ainda pesam dois fatos para atribuir a autoria, pelo menos em parte, da Ânuia de 1607 ao Padre Fernão Cardim. O primeiro é que no exemplar escrito por Manuel Cardoso este afirma que a carta foi elaborada por comissão do Padre Provincial, ou seja, Cardim. A expressão, que deriva da *comissione* latina, pode significar tanto o ato de cometer ou fazer quanto encarregar para ser feito por terceiros. O segundo fato reside na saudação final da carta – “Santos Sacrifícios”, recorrente em Cardim.

Cardim foi Reitor do Colégio da Bahia, em 1624, no momento da invasão neerlandesa. Seguiu com o bispo D. Marcos Teixeira de Mendonça para a Aldeia do Espírito Santo no litoral norte da Bahia, quando a resistência local organizou a guerra brasílica contra os contingentes da Companhia das Índias Ocidentais.¹³ Por informação do Padre Antonio Vieira, na Carta Ânuia de 1626, Fernão Cardim faleceu na Aldeia do Espírito Santo a 27 de Janeiro de 1625.

Alguns fatos narrados na Ânuia de 1607 são demasiado conhecidos pela historiografia. A história do Padre Luis Figueira e do seu companheiro, o Padre Francisco Pinto, na Serra de Ibiapaba já foi escrita pelo Padre Serafim Leite, que a publicou no Volume III da *História da Companhia de Jesus no Brasil* e, posteriormente, numa biografia do Padre Luís Figueira.

O ARSI conserva o texto de Luiz Figueira que serviu para coligir as informações presentes na Ânuia de 1607. Serafim Leite a intitulou de *Carta do P. Luiz Figueira ao P. Prouincial Fernão Cardim relatando os sucessos da sua viagem ao Maranhão com o P. Francisco Pinto morto na Serra de Ibiapaba*. Na epistola, escrita originalmente em português, consta “*Desta Serra*”, 26 de Agosto de 1607. (Brasiliae. 8, Fls. 85-92v). Segundo Serafim Leite, é a “*Relação do Maranhão um tanto diferente da que está datada de 26 de Março de 1608. Mas são informações semelhantes*”.¹³

A *Relação da Missão do Maranhão 1607-1608* (Brasiliae 8, Fls. 71-83), já publicada por Serafim Leite, não foi utilizada para a elaboração da Ânuia de 1607. Apesar de Guilherme Studart classificá-la como o “*mais antigo documento existente sobre a história do Ceará*”¹⁴ e na *Relação*

estar assinalada a data “Oje 26 de Março de 1608”, observa Serafim Leite que “*a Relação inclui fatos posteriores a Agosto de 1608. Por onde, ou não é exacto o mês de Março ou não é certo o ano de 1608*”.¹⁵ Logo, este texto já publicado não serviu de base para a *Ânua* de 1607, que foi escrita entre 2 e 3 de agosto de 1608. Além disto, deve ter seguido de Pernambuco para Roma, sem passar pela Bahia.

O texto que seguiu para a Bahia e, decerto, foi utilizado para a elaboração da *Ânua* 1607 foi a carta de Luis Figueira datada 26 de agosto de 1607. Seu destinatário era o próprio Cardim, que a usou na redação desta informação enviada para Roma e Lisboa. O franciscano Fr. Vicente do Salvador, na *História do Brasil* de 1627, também escreveu acerca desta missão e das suas consequências, possivelmente utilizando como fonte a carta de 26 de agosto remetida por Figueira a Cardim na Bahia.¹⁶

Outros episódios contidos na *Ânua* de 1607 são desconhecidos ainda da historiografia. Os padres da Companhia aparecem na Carta como os mantenedores da ordem social na colônia, num período que não havia Tribunal da Relação na Bahia, instalado apenas em 1609. Além disto, o governo ibérico não havia constituído o monopólio da violência legítima, ou seja, um contingente militar efetivo nesta colônia, visto que os primeiros Terços Militares só foram introduzidos na Bahia nos anos de 1625 e 1631. Coube aos religiosos tentar resolver, através do diálogo e do apelo à fé, os desentendimentos entre os moradores da colônia. Estas desavenças ocorriam muitas vezes entre os poderosos locais e, caso não fossem “atalhadas”, poderiam levar a violentos conflitos e *vedetas*, que acabavam por arrastar os que possuíam relações de parentesco ou clientelismo com as partes em contenda. Foram os jesuítas, segundo a *Ânua*, que atalharam públicos ódios na Bahia e em Sergipe. O discurso, apesar da sua função “edificante”, tece um painel das relações de poder na sociedade colonial.

Até mesmo a História da Arte no Brasil, tão pouco conhecida no período anterior às guerras holandesas, é vislumbrada na Carta. Podemos ler uma descrição da capela do Colégio de Pernambuco, onde:

Acabou-se a capela, a qual esta toda ornada de painéis da vida do nosso beato P.^o Ignacio, com suas cornijas em redondo, frizos, e arquitrave dourados as molduras que a vem cercando toda pelo teto também se pintou o relicário

onde estão algumas reliquias as quais está a cebeça de uma das onze mil Virgens em um corpo de prata que veio do Reino feito de obra milanesa mui bem acabado.

O segundo documento trata-se de uma carta de Cardim redigida na Bahia em 1618, na qual apresenta uma crítica às forças de produção no Brasil.¹⁷ No século XIX, Francisco Varnhagen conheceu o manuscrito autógrafo na Real Academia de História, em Madrid, mas nada revelou sobre o seu conteúdo.¹⁸ O Padre Serafim Leite também teve notícia deste documento, reconhecendo seu valor histórico. Leite não o omitiu da bibliografia de Cardim, mas preferiu deixá-lo inédito, possivelmente por conta do conteúdo do documento. Remetida ao Padre Antonio Colaço, o texto respondia à pergunta se no Brasil poderiam ser fabricados galeões para garantir a segurança das frotas que carregavam açúcar. A *Pax Hispanica* tinha falido e os neerlandeses já orquestravam incursões na fonte de produção açucareira, o litoral do Brasil.

Em seis suscintos pontos, Cardim descarta a viabilidade da construção naval no Brasil. A matéria-prima, a madeira, apesar da baixa qualidade, era abundante e barata. A carência de um sistema defensivo eficiente deixava a produção de navios vulneráveis a ataques de corsários estrangeiros que podiam queimar ou roubar as embarcações já começadas. O único local da colônia que oferecia segurança, mais de *jure* que de *facto*, para este empreendimento era o Recôncavo Baiano. Os instrumentos necessários para equipar os galeões e fazê-los funcionar deveriam vir do Reino. O mesmo ocorria com os instrumentos bélicos, como artilharia, munições e pólvora.

A relação custo-benefício na aquisição dos materiais, contudo, seriam contornáveis. A maior adversidade em produzir galões na Bahia, na sua opinião, residia noutro custo que envolvia aspectos mais subjetivos das diferenças da produção metrópole-colônia. Segundo Cardim, referindo-se ao Brasil, “*a terra é desleixada, mais trabalha um oficial no Reino em um dia, que cá em dois ou três. como se experimenta, e assim custará muito menos fazerem-se lá ou no Porto, Biscaia ou Alemanha*”.

A acidez da afirmação de Cardim não cessa nesse comentário. Para Cardim, os ferreiros de Portugal eram mais hábeis no ofício e mais

baratos nos custos. Os oficiais que em Lisboa recebiam o pagamento em tostões, aqui granjeavam em cruzados, a duas patacas por dia, sem contar com os custos da alimentação. Se trouxessem a família consigo, acarretaria outro gasto excedente para o contratante. Por fim, um galeão que custaria 20 mil cruzados para ser produzido na Europa custaria pelo menos o dobro ao ser aqui fabricado.

A expressão “*terra desleixada*” utilizada por Cardim para definir a produção no Brasil deve ter pesado para Serafim Leite não publicar este documento na sua História da Companhia de Jesus no Brasil. No contexto em que esta obra foi editada, nos anos de 1930 e 1940, a afirmação supra não poderia ser bem vista e a figura de Cardim poderia, pela primeira vez, atrair animosidades fundamentadas em ufanismos nacionalistas. Além disso, as observações pouco “edificantes” de Cardim em relação ao Brasil poderiam desagradar o co-financiador das publicações de Leite, o governo brasileiro do Estado Novo (1930-1945).

Algumas considerações devem ser feitas acerca da publicação destes manuscritos. As duas missivas conservadas em arquivos ibéricos foram transcritas pelos autores, que o fizeram matendo-as conforme os manuscritos originais e autógrafos.

2 - A missão e os índios na ótica de Cardim

O tratamento dispensado por Cardim à missão dos jesuítas em terras americanas e aos índios insere-se num conjunto de percepções formuladas ao longo dos vários séculos de convivência entre europeus e outros povos e das experiências adquiridas e vividas em vários continentes e analisadas pela Igreja Católica, como um todo, e pela Companhia de Jesus em particular. Esse código, previamente desenvolvido sobre as realidades socioculturais alheias, era constantemente revisto e atualizado a partir das vivências concretas nos novos mundos. Também eram pontos fundamentais para a apreensão do colonizado a síntese do catolicismo medieval então formulada e o espírito renascentista e humanista dominante, perspectiva através da qual os índios eram vistos como seres que viviam na infância – tabula rasa, folha em branco – que atingiriam a maturidade através da educação e da cristianização, pois, o homem, segundo essa concepção, seria o fazedor de si mesmo.

Com relação à América, os pressupostos de avaliação dos indígenas têm sua base inicialmente estabelecida no *Diário da Primeira Viagem* de Cristovão Colombo – inocência, docilidade, ausência de crenças -, imagens que vão se reiterando em escritos de outros autores, inclusive no de Pero Vaz de Caminha. Ao longo dos séculos subseqüentes, novas visões foram sendo acrescidas: a ausência de propriedade, de usura, de chefia e de cupidez.

Entretanto, a convivência efetiva e os conflitos que dela decorreram a partir da segunda metade dos Quinhentos trazem novas visões sobre os indígenas, essas já pautadas no desencanto: viverem em guerras constantes, bárbaros, canibais, desonestos, sem conhecimento de Deus e de leis, animais bestiais, imprevidentes, irracionais, inconstantes e antropófagos. E essas imagens também foram incorporadas ao universo de análise dos jesuítas.

Imagens que se fortalecem na reflexão inaciana após as primeiras expectativas positivas acerca do sucesso da missão de converter o “gentio” cederem lentamente ao desencanto, gerando questionamentos quanto à viabilidade do empreendimento e provocando reflexões de tom desesperançado e crítico quanto à capacidade e disposição dos índios abandonarem seus antigos hábitos e adotarem os valores e as crenças disseminados pelos jesuítas.

As Cartas desse período e as reflexões dos missionários sobre a questão apontam claramente uma divisão de opiniões entre os missionários acerca da viabilidade da conversão e os textos expressam as contradições vividas, dúvidas e propostas de revisões sobre as crenças sobre os ameríndios e seu mundo.¹⁹ Preocupavam-se, sobretudo, com a “inconstância” na adoção das novas crenças e hábitos que supunham haviam sido apreendidas. Não percebiam os fenômenos relativos às resistências e nem mesmo às releituras feitas por esses povos da massa de informações que lhes eram impostas.

Logo após terem optado por trabalhar simultaneamente com as tradicionais missões volantes – visitas regulares às aldeias para pregar a Boa Nova, batizar, casar e conceder a extrema unção – e com a missão sedentarizada nos aldeamentos que passaram a administrar, também os deixava perplexos a dinâmica espacial, demográfica, étnica e social dessas unidades de atuação. Outra questão vista como polêmica era

a escravidão dos indígenas, objeto de discussão, por exemplo, entre Manuel da Nóbrega e Quirício Caxa. Não havia, portanto, consenso quanto a questões relevantes e que se faziam presentes no cotidiano dos missionários.

Também as revoltas indígenas e os movimentos milenaristas, conhecidos com santidades, causavam perplexidade aos missionários, particularmente após terem seus métodos de catequese e administração questionados diretamente por colonos, representados aqui por Gabriel Soares de Souza, e autoridades governamentais e eclesiais.

Após sucessivas revoltas indígenas, mortes por epidemias de catapora e sarampo, fugas e ataques de colonos aos aldeamentos, os inacianos da Província do Brasil viam seu projeto de missionamento se esvaír. É nesse momento crucial que ocorre uma associação mais íntima entre a Igreja e o Estado, representados respectivamente pelos inacianos e pelo Governador Mem de Sá, com a adoção da política de aldeamento compulsório dos índios e de sucessivas decretações de guerras justas. Nesse contexto, restava aos nativos buscarem refúgio nos sertões interiores, o enfrentamento armado ou o que alguns consideravam o “mal menor”: aceitarem viver nos aldeamentos inacianos.

O contato inicial de Fernão Cardim com esse conturbado mundo da missão na Província do Brasil ocorreu num momento crítico do “fazer” missionário que exigiu a adoção de uma medida considerada excepcional na administração da Companhia de Jesus: o envio de um padre visitador – Cristovão Gouveia. Ele deveria avaliar *in loco* as condições e o sucesso da missão, tentar unificar a atuação e o pensamento dos jesuítas acerca das questões práticas, teológicas e filosóficas, fortalecer os traços da chamada identidade peculiar dos inacianos, mas, acima de tudo, consolá-los ante as dificuldades e dúvidas vivenciadas no seu dia a dia,²⁰ dentre as quais o visitador e seu secretário destacaram os deslocamentos que precisavam realizar entre os espaços jesuíticos na província: viagens por mar, difíceis, demoradas e perigosas.

O texto maior e mais conhecido desse processo de avaliação, e que era ao mesmo tempo de controle do órgão central da Ordem, é atribuído ao secretário do visitador - Fernão Cardim: *Tratado Do Clima e a Terra do Brasil, Do Princípio e Origem dos Índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimoniais* e a *Narrativa Epistolar de uma*

viagem e missão jesuítica. Nesses trabalhos, para os quais outros padres anônimos que viviam na Província há mais tempo contribuíram com dados e informações, se considerarmos suas análises sobre os índios, constata-se um tom benevolente, questionamentos sutis do porquê de sua resistência e fuga dos aldeamentos, mesmo após terem sido convertidos e batizados, e preocupação quanto ao sucesso da missão, pois constatava a manutenção de determinados hábitos, inclusive o de morarem nas tradicionais ocas ocupadas por famílias extensas nos espaços administrados pelos jesuítas.

Cardim atribui essas dificuldades prioritariamente a fatores externos – o caráter violento, explorador da colonização e as entradas de caça aos índios, agravadas após o governo de Mem de Sá –, pois, segundo o autor, apesar dos índios não terem crenças religiosas, possuíam conhecimento da existência da alma, desenvolviam expressões emocionais, temiam aos demônios, valorizavam a sociabilidade entre os membros do seu grupo e amavam seus filhos. Portanto, preenchiam todos os pré-requisitos para se converterem.

Na visão simpática e respeitosa de Cardim, está imbuída a fé no possível sucesso da missão entre os indígenas. Seu encantamento com o Novo Mundo e com as visitas realizadas em Pernambuco, Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo fazem-no acreditar no caráter quase miraculoso das conversões realizadas, pois constatara o que chama de barbárie e selvageria no comportamento dos índios, o que exigia grandes esforços dos missionários para “domesticá-los”.²¹

Convém ressaltar que os escritos produzidos nas ou sobre as províncias seguiam um padrão definido previamente pela Ordem: o texto deveria ter caráter edificante, pedagógico e fornecer informações “úteis e praticas” que permitissem à administração central, após conhecê-las, estudá-las e refletir sobre as questões propostas, emitir seu parecer e orientar aos padres dispersos de forma a que não houvesse contradições na atuação dos missionários e nem a perda de sua identidade religiosa.

A valorização de relatórios, das cartas, dos tratados e de quaisquer outras formas de comunicação escrita entre os missionários dispersos e a “cabeça” da Ordem expressa, inicialmente, o ordenamento centrado da instituição mantido graças à produção sistemática de documentos

através dos quais era possível manter o controle, receber informações e enviar instruções específicas sobre o fazer missionário. Buscavam, assim, evitar a dissolução de costumes e manter a unidade da instituição, apesar do estímulo à adoção de iniciativas pessoais, à flexibilidade de decisões e à adaptação do inaciano ao mundo em que vivia, elemento essencial para viabilizar questões enfrentadas num cotidiano pleno de surpresas e fatos inesperados surgidos na dinâmica da missão. Por isso, era essencial divulgar, avaliar e compartilhar o “modo de fazer” para o constante criar, modificar e fixar padrões comportamentais e, por conseguinte, a identidade jesuítica, mantendo assim a unidade na dispersão.²²

A correspondência era parte das atribuições dos inacianos e ocorria entre os vários níveis hierárquicos da Ordem, sendo seu ponto mais elevado o padre superior geral que vivia em Roma. Os documentos produzidos possuíam diferentes graus de classificação quanto à acessibilidade por leitores dentro e fora da instituição. Para garantir a desejada eficiência neste simples processo de partilhamento e controle, estavam estabelecidas estreitas regras de comunicação: tipo, temas, estilo e frequência de envio de correspondência pelos padres situados nos vários níveis. Havia, inclusive, a preocupação em enviar duas cópias de cada documento em navios diferentes para evitar a possível perda de informações com naufrágios, bastante comuns naquela época.

No caso da Província do Brasil, a maioria das cartas era destinada aos superiores e aos irmãos que viviam em Portugal. Através delas, informavam as especificidades da realidade vivida, suas experiências, impressões e dúvidas e relatavam as soluções adotadas que haviam sido bem sucedidas. Socializavam, dessa forma, seus conhecimentos e solicitavam sugestões e instruções sobre como agir e aguardavam determinações dos superiores para, simultaneamente, atender às especificidades de seu labor sem se desviar do padrão definido como adequado pela Ordem.

Convém ressaltar que as comunicações destinadas ao público interno e externo deveriam atender às seguintes preocupações: satisfazer a curiosidade sobre o Novo Mundo e divulgar o caráter edificante da missão e dos missionários. Dessa forma, o universo para a Ordem estava dividido entre o lá, onde eram coletados os dados, o cá, espaço de

elaboração dos dados brutos e onde se acumulava o saber para melhor dominar e atuar.

Quando a temática eram os índios, os relatos deviam priorizar os costumes que apontassem para os efeitos positivos da evangelização. Compreende-se então, o predomínio de informações acerca das inúmeras festas de caráter religioso, das atitudes que expressavam o avanço da missão e os escassos dados sobre organização social e o cotidiano dessas populações. Era uma forma de comprovar o papel do missionário como instrumento divino da redenção humana através da prática da missão de lhes dar a conhecer a Revelação Divina e assim promover sua modificação como ser humano, adulto e cristão. Logo, só se deveria escrever sobre o que era preciso saber para converter ou o que foi transformado pela missão. O tema central não são os índios, mas sua conversão/domesticação.²³

Dessa forma, difundir as qualidades da nova colônia e dos seus povos deve ser entendido como o cumprimento da missão escatológica de implantar a ordem civilizacional nas novas terras a serviço de Deus e do povo que ali vivia.²⁴

No fim do Século XVI, a temática da diversidade e subjetividade dos índios, tema caro aos inicianos, resultava também do seu afã em provar ao público interno e externo que os missionados possuíam vida subjetiva, alma, entendimento, memória e vontade, o que garantia a possibilidade da evangelização frutificar, razão da presença dos missionários e do cumprimento de sua missão.

A diversidade das populações indígenas era explicada através de um artifício – o uso do termo castas, tomado de empréstimo do sistema social hindu. A comprovação dessa diversidade era feita por citação de grande quantidade de denominações étnicas apreendidas com os tupis, grupos com os quais mantinham contato mais intenso e demorado. Esse ordenamento não só permitia uma melhor compreensão do Novo Mundo, mas também criava expectativas de comportamento nos momentos de contato e estabelecimento de relações mais duradouras, orientava os legisladores na formulação das políticas indigenistas e os colonos quando justificavam a necessidade de decretação de guerra justa a um determinado povo ou tribo.

Outra temática comum, desenvolvida paralelamente às loas sobre a exuberância da natureza, era a da potencialidade dos solos e da riqueza e diversidade dos produtos naturais, e decorria do clima de otimismo e de prosperidade vivido com a expansão da lavoura açucareira e o aumento do número de engenhos. Também, em nome da importância e da necessidade de ampliar a área da missão, explicava-se o projeto dos jesuítas na Bahia e em Pernambuco passaram da condição de comerciantes a de produtores de açúcar.

Para Castelnau-L'Estoile,²⁵ esse tipo de escrita, voltada para a reafirmação da viabilidade da missão e do sucesso da atuação dos missionários pode ser classificada como “literatura de consolação”²⁶ voltada para um público mais amplo e externo. Ela deveria atender a necessidade da Ordem de divulgar suas ações, buscar apoio entre as camadas dominantes para a missão, atrair novos missionários e “consolar” os irmãos para que continuassem a perseverar no labor e permanecessem na província, apesar das dificuldades. Era, também, uma ferramenta considerada essencial para convencer os irmãos de Portugal da necessidade de manter o apoio aos do Brasil, apesar das controvérsias e acusações. Necessitavam, por exemplo, de aliados bem informados que divulgassem o sucesso obtido com as missões sedentárias e a não corrupção dos padres, apesar de conviverem com os indígenas e dessa prática contrariar o espírito e o pensamento da Ordem quando da sua fundação.

Daí porque os vários autores concentram-se em revelar os aspectos positivos de sua atuação: a crescente submissão e cristianização dos índios e o bom entendimento com os senhores da terra, imagens que, na prática não eram reais. Buscavam, assim promover a aceitação de sua presença, a valorização do seu trabalho junto à sociedade colonial e garantir recursos para a manutenção e ampliação do missionamento. Os efeitos práticos esperados era o aumento do valor das esmolas e doações, poder recrutar noviços entre as camadas dominantes, ampliar o número de alunos em suas escolas. Buscando atingir esse público alvo – as camadas dominantes da província – os jesuítas ampliaram, apesar do número reduzido do seu efetivo e das distâncias a serem percorridas, o número de missões volantes nas propriedades de particulares para atender tanto

os senhores, como a seus trabalhadores livres e escravos, fossem estes indígenas ou de origem africana.

Também era essencial apontar o número de operários atuando na “vinha do Senhor” para demonstrar a magnitude do empreendimento e dos esforços dos irmãos que aqui atuavam, apesar de reconhecer que os inacianos ainda se mantinham apenas no litoral da província e que os índios dos sertões permaneciam sem qualquer assistência ou missão.

Aliás, todas as concepções do Novo Mundo no universo jesuítico de classificação estavam centradas em alguns pares bem simplistas de oposição. Em termos espaciais, o mundo se dividia nas categorias litoral, onde predominava a lei e a religião, e sertões, espaço ignoto e absolutamente externo onde não havia fé, rei e lei, habitados por índios não “domesticados” e que se recusavam à redução. Já os indígenas, eram enquadrados como tupi e tapuia, cristãos e gentios (a serem convertidos), sedentários e de curso, sendo que nos escritos predomina a oposição entre cristãos e gentios, como se pode observar na Carta Anua em apreço.

Nessa Carta, datada de 1608, Cardim segue na sua elaboração os parâmetros definidos como adequados pela Ordem. Afirma-a como uma declaração da colheita do “fruto divino” na Província do Brasil entre índios, portugueses e escravos. Em seguida relata o ordenamento administrativo: três colégios, dezessete residências e cento e setenta membros da Ordem.

O Colégio da Bahia, o mais rico do Brasil por se localizar na capital da América portuguesa, receber as maiores dotações reais e captar esmolas de maior valor, além de possuir inúmeras propriedades e alguns engenhos de açúcar, tinha sob administração duas residências – a de Ilhéus e Porto Seguro – vários aldeamentos e missões volantes entre índios, colonos e seus escravos que viviam em áreas onde não havia presença regular ou suficiente do clero secular ou de outras Ordens religiosas.

Ao tratar da divisão dos irmãos por atividades, Cardim destaca que aqueles que não se dedicavam ao ensino e à administração haviam se dedicado “do bem espiritual” dos portugueses e seus escravos nos engenhos e fazendas e dos índios “cristãos” nos aldeamentos e dos “infiéis” em suas aldeias. Também destaca a atuação dos padres nos colégios, como intermediadores de conflitos entre colonos, repasse

aos pobres de esmolas recebidas, atendimento espiritual aos presos, delinquentes e aos condenados à morte pela fogueira.

Dentre as missões volantes, destaca a realizada ao aldeamento de Cerygipe, onde a atuação parece ter se restringido a conflitos entre um capitão da terra e um “principal” e entre outros moradores locais. Registra, ainda, o atendimento aos escravos.

Ao tratar dos aldeamentos na Capitania da Bahia, Cardim destaca a necessidade de constante vigilância e cuidados para garantir a expansão da catequese, o número de batismos, o ensino das letras e a perseverança dos indígenas nos “bons costumes”. Chama ainda a atenção para as atuações dos padres como enfermeiros e médicos, o que indica a continuidade das epidemias nesses espaços. Esse é um dado desconhecido para os historiadores nacionais e internacionais que se referem, apenas, às epidemias de 1560 e 1563, relatadas por Anchieta e outros irmãos.

A dimensão dessa epidemia, aqui revelada pela primeira vez, também parece ter sido de grande impacto, pois, segundo o relato, em dois aldeamentos morreram em um ano mais de duzentos índios, o que indica uma elevadíssima taxa de mortalidade para um aldeamento indígena. O processo de desestruturação econômica e social deve ter sido brutal, o que provavelmente, segundo a prática da época, fez com que os inicianos promovessem o descimento de índios do sertão para recompor demograficamente o aldeamento ou a junção da população de vários aldeamentos num só.

No entanto, Cardim, na sua preocupação em comprovar o êxito da missão e não com a situação vivenciada pelos índios, apenas narra os dois pedidos de atendimento espiritual de uma índia “cristã” – confissão e extrema-unção – e o fato de ela ter morrido chamando insistentemente pelo nome de Jesus, o que lhe teria garantido a salvação da alma. Também se preocupa em registrar a preocupação dos aldeados no Espírito Santo (atual distrito de Abrantes, Município de Camaçari, no Litoral Norte da Bahia) e em São João (atual Município de Mata de São João) em realizarem procissões para aplacar a ira do Senhor e evitar o avanço da epidemia. Para reforçar a idéia do sucesso do trabalho dos jesuítas, Cardim informa que muitos índios haviam participado da procissão e carregado o Santíssimo Sacramento “com grande pompa e devoção”.

Acrescenta, ainda, que, a partir de então, os aldeados tornaram-se bem mais devotos, freqüentavam a igreja com maior assiduidade, o que, segundo ele, teria amainado as doenças. Porém, sobre o drama vivenciado pelos indígenas, quantos efetivamente morreram, qual a doença e quais os outros aldeamentos atingidos, o que se constata é o mais absoluto silêncio.

Convém ressaltar que, na concepção dos indígenas, a confissão, a extrema-unção, as procissões e a intensificação das visitas à igreja, não eram elementos totalmente dissociados de sua antiga e da nova percepção acerca das causas das doenças. Na verdade, o que temos é uma releitura e adequação de antigas crenças e práticas a novos remédios e rituais.

De acordo com a concepção tupi, as doenças decorriam da ação de espíritos malignos mobilizados por homens para fazer mal aos inimigos. Era preciso, então, expulsá-los, missão atribuída aos xamãs/pajés que, com seus rituais, conseguiam restituir a saúde aos enfermos. Como era grande o esforço dos inacianos para desacreditar os pajés e seus rituais, resultando, inclusive, na sua expulsão dos aldeamentos e da decisão de se afirmarem como os novos conhecedores do saber necessário para lidar com mundo espiritual e com doenças desconhecidas pela comunidade, os índios, num claro processo adaptativo, porém sem perder as bases do seu saber, buscaram nos “homens da roupeta negra” e em seus rituais a solução para o problema.

Também de acordo com o pensamento humanista e renascentista, Cardim apregoa as benesses obtidas com a educação dos curumins, filhos dos índios “cristãos”, aos quais define como mais “dóceis” e possuidores de “boas habilidades” por terem apreendido a ler, escrever, responder de forma adequada às sabatinas escolásticas, a cantar e a tocar instrumentos musicais nas missas, o que causaria espanto nos portugueses. Mais uma vez, o padre reafirma, simultaneamente, não só o sucesso dos missionários, a esperança no aprofundamento dos comportamentos e crenças cristãs e o reconhecimento pelos colonos da importância dos trabalhos aqui desenvolvidos pela Ordem de Jesus.

Acerca da Casa dos Ilhéus, subordinada ao Colégio de Salvador, apesar de não ter recebido a esperada correspondência dos quatro irmãos que ali viviam, parte do pressuposto de que continuavam a procurar “seu próprio bem espiritual” atendendo às necessidades dos moradores

e pregando entre os Guaimoré (Aimorés). Ao avaliar esse grupo, Cardim vai enquadrar esse grupo Gê segundo as visões transmitidas pelos tupi sobre seus inimigos tradicionais. Descreve-os como “gente grosseira” e vagabunda, e somente as crianças batizadas e os moribundos catequizados que recebiam a extrema-unção tinham suas almas recolhidas e aceitas por Deus.

Com relação ao Colégio do Rio de Janeiro, inicialmente o Provincial destaca o fato dos padres terem feito “amizades de grande importância”, promovido as pazes entre vários colonos que viviam em conflito entre si, continuarem sua missão com os escravos, a ministrar os vários sacramentos e as atividades educacionais no colégio local.

Com relação aos índios, inicialmente procura justificar o fracasso da missão volante entre os chamados Carijó, que eles tentaram descer para o Rio de Janeiro, atribuindo-o à ação dos pajés, aos quais chama de feiticeiros, mas que pela indicação, seriam pombeiros, que viviam da troca de “índios de corda” por roupas e ferramentas com os colonos. Também lhes atribui o descrédito dos missionários entre os índios dessa área, arrazoado que se explica por dois fatores: a necessidade de reforçar a consolação dos membros da Ordem ante outro fracasso e a associação direta entre os pajés e o demônio no âmbito da disputa entre sacerdotes pelo domínio espiritual nas aldeias.

Porém, ao narrar a viagem de retorno dos padres, acompanhados dos duzentos Carijós “convertidos”, para o Rio de Janeiro, informa o outro elemento responsável pelo fracasso: o nunca satisfeito desejo dos colonos por mão-de-obra escrava. Reafirma, assim, o outro pomo de discórdia e a desaprovação dos padres para não entregar os índios aos moradores e sua luta para criar um aldeamento para esses novos cristãos, onde os pudessem visitar e missionar.

Além desse novo aldeamento projetado, Cardim refere-se a duas aldeais onde missionavam: uma de missão sedentarizada e outra onde atuavam de forma tradicional: a missão volante. E mais uma vez, afirma que o ensino da “doutrina cristã aos moços” obtinha notável sucesso e que os padres prestavam assistência espiritual e material aos aldeados, além de ensinar a ler, escrever, tocar instrumentos musicais, cantar, o que servia de consolação aos padres e aos portugueses quando acudiam aos rituais religiosos no aldeamento.

Quanto à Casa do Espírito Santo, subordinada ao Colégio do Rio de Janeiro, também ressalta o trabalho espiritual com os “moradores”, a ação pacificadora dos padres e a atuação em quatro aldeamentos com amplo sucesso. Busca comprovar esta assertiva ao verificar a descrição que faz das novas atitudes dos aldeados que seriam resultantes da conversão e as exéquias de um missionário morto em Reritiba, onde atuava havia mais de quarenta anos, e a tristeza dos índios pela perda do “pai, mestre, guia, e consolação de suas tristezas.”

Nesse aldeamento, segundo Cardim, viviam dois mil índios, boa parte descidos – nove incursões - dos sertões pelo morto que também teria convertido o número fantástico de doze mil almas, contando as realizadas em suas missões volantes. Dessa informação, depreendem-se dois fatos: que as epidemias, particularmente as de 1560 e 1563, haviam despovoado Reritiba e que a população que ali vivia era composta por várias etnias obrigadas a conviverem no mesmo espaço administrado pelos jesuítas e usando a “língua geral” como forma de comunicação.

Ao avaliar as cartas enviadas pelos superiores da Casa de Santos e Piratininga, também subordinada ao Colégio do Rio de Janeiro, o Provincial destaca que os residentes em Santos atuavam em missão volante em duas aldeias, onde ministravam os sacramentos e pregavam. Por não ter recebido carta de Piratininga, Cardim faz uma narrativa genérica voltada para reforçar a importância das principais atividades dos missionários: ministrar sacramentos, batizar, pregar aos “índios pagãos” e doutrinar aos “já batizados”, dando especial atenção à conversão dos Guaramirim, o que obrigara os padres a aprenderem a língua que falavam, significando, portanto, que não eram grupos de fala tupi ou os padres que ali viviam ainda não dominavam a “língua geral”.

O missivista usa o mesmo padrão de análise ao relatar o ocorrido na área administrada pelo Colégio de Pernambuco. Além de ressaltar as ações desenvolvidas junto aos moradores nas vilas, povoados, fazendas e engenho, destaca, por ser este o grande argumento para a permanência e atuação da Ordem na Província do Brasil, os frutos alcançados entre os quase vinte mil índios “cristãos e gentios” que viviam em sete aldeias²⁷, sem contar os que se localizavam na região conhecida como Rio Grande.

Cita com destaque os rituais religiosos desempenhados pelos índios do aldeamento de Nossa Senhora da Escada e atribuiu o fato ao empenho dos jesuítas. Notifica a ocorrência de grande seca e com ela justifica a fuga dos aldeados que teriam buscado refúgio nas fazendas dos colonos ou nos sertões na tentativa de saciar a fome. Também relata que outros ameríndios vinham até a portaria do Colégio e pediam esmolas “oferecendo” seus filhos aos padres. Era a retomada da velha prática indígena de se entregarem ou a seus parentes para a escravidão na tentativa de sobreviverem nos momentos mais difíceis, como os de seca e perda do produto das roças. Apesar desse tema já ter sido ventilado e ser conhecido por todos os níveis hierárquicos da Companhia de Jesus, Cardim parece ignorar a real dimensão do drama e não entender o que significava “oferecer os filhos” aos padres. Ingenuidade ou omissão?

No projeto de expansão da missão para o norte, o provincial informa terem sido realizadas duas missões no Rio Grande para “consolar” os soldados e moradores que viviam na fortaleza e o “gentio da terra”. A única notícia que havia recebido fora a de que os padres haviam sido bem recebidos, mas nada sabia dos “frutos” que haviam colhido. Como no caso de Itapetininga, atesta que deveriam estar fazendo o “bem”, catequizando, batizando e ganhando “muitas almas para Deus.”

Para demonstrar as dificuldades e abnegação dos padres, não ficando claro se o fato ocorreu no Rio Grande ou em qualquer outro ponto de Pernambuco, afirma a chegada do sertão de uma “nova casta de gentio a que chamam Iucurijû.” Esse grupo, visto simultaneamente como gentio, tapuia e morador dos sertões, é descrito como bárbaro, rústico como fera, irracional e cruéis antropófagos que comiam assados ou cozidos os corpos de todos os parentes ou os queimavam e consumiam sob a forma de cinzas. Segundo informa terem dito os referidos índios, seria essa forma de consumo uma expressão de amor, pois não desejavam que os despojos dos seres amados apodrecessem no chão ou fossem consumidos por animais.²⁸ Horrorizado, Cardim atesta que as mulheres também matavam seus filhos menores para oferecerem como medicamento aos maridos quando estavam doentes e que as mulheres usavam cabelos curtos como os homens e estes cabelos longos e soltos como as mulheres européias. Na sua concepção, apenas a catequização os faria abandonar costumes tão bárbaros, como já ocorrera com os aldeados cristãos.

Também houvera missão no Maranhão, porém sem que o objetivo tivesse sido atingido. Os padres enviados haviam sido acompanhados de índios aldeados e cristãos, tendo se alimentado durante a longa jornada de lagartos, cobras, caracóis, raízes e folhas e enfrentado caminhos definidos como ásperos, perigosos, cobertos de matas fechadas e de animais peçonhentos, um tema também recorrente na literatura de consolação.

É também recorrente a informação de que os padres teriam sido recebidos com alegria e festas pelos índios da Serra de Ibiapaba, que eles afirmam pertencer ao Maranhão, mas que está na atual fronteira entre o Piauí e Ceará, onde tiveram notícias da presença de franceses. Não puderam continuar a jornada porque o caminho estava obstruído por grupos tapuias, tendo, portanto, permanecido na serra por cinco meses, onde construíram igreja e missionaram, batizaram e acudiram aos doentes.

Entrementes, os índios cristãos eram enviados pelos padres até os tapuias e continuavam a negociar sua passagem em direção ao Maranhão. Os emissários terminaram sendo mortos e o aldeamento invadido, estabelecendo-se o confronto direto entre os dois grupos. Na concepção dos padres, os índios aldeados estavam defendendo-os, o que não parece ter tido sucesso, pois um dos padres – Francisco Pinto - foi abatido com a borduna, enquanto Luís Figueira conseguia se esconder numa choupana e se salvar. Ao retornar para Pernambuco, Figueira tornou públicos os detalhes da sua missão.

3 – Conclusão

Quando a *Ânua* de 1607 foi escrita, o litoral do Brasil ainda não havia sido compreendido com uma unidade territorial, inclusive devido ao fracasso da expedição jesuítica ao Maranhão. Na visão do compilador da *Ânua*, a Província do Brasil se restringia ao território entre São Vicente e Pernambuco.

Visão diferente é apresentada no *Livro que dá Razão do Estado do Brasil*, escrito por volta de 1612, pelo do Sargento-mor Diogo de Campos Moreno. No manuscrito de Campos Moreno, ilustrado com uma coleção de 22 mapas confeccionados em Lisboa pelo cosmógrafo real João Teixeira Albernás, baseado em informações e rascunhos do

militar, o Brasil é observado sob o ponto de vista geográfico. Por conta disto, Moreno diz que o Brasil inciava-se no Grão-Pará e se estendia às Capitanias do Sul.

O Brasil é observado na Ânuia não pela sua geografia, mas sob os pontos de vista humanístico, espiritual, institucional e missionário pela Companhia de Jesus. O humanismo presente na carta, ainda ao gosto do século XVI, caracteriza-se pela descoberta de outros povos com diferentes culturas, criando um misto de encanto e repulsa. O espiritual e institucional, não obstante, perpassam a própria experiência da Companhia de Jesus no Novo Mundo. É a Companhia de Jesus quem define as fronteiras do território, considerando-o em grande medida uma *tabula rasa*. A Ânuia de 1607 tem por objetivo demonstrar que a Companhia de Jesus era o principal responsável por edificar e construir o Novo Mundo.

Cardim, um homem do seu tempo e um fiel seguidor das orientações da Companhia, ao cumprir sua missão anual de enviar seu relatório aos superiores, segue os padrões estabelecidos para esse tipo de correspondência. Adota, simultaneamente, uma atitude simpática para com os índios cristãos e de repulsa para com os gentios do sertão. Procura demonstrar o sucesso da missão no Novo Mundo, destacando o que considera como grandes conquistas dos missionários, omitindo seus fracassos ou explicando-os a partir de fatores externos: as distâncias, as dificuldades de locomoção, o comportamento dos moradores, as atitudes dos pajés e a inconstância dos indígenas. Para os missionários, cabem a esperança no sucesso da missão e o consolo das conquistas obtidas apesar das barreiras que lhes eram impostas.

Da mesma forma, Cardim cumpre na Ânuia de 1607 duas outras missões consideradas relevantes pela Ordem: informar e oferecer elementos que justifiquem o apoio interno e externo às missões, tão tumultuadas e questionadas, na Província do Brasil.

CARTA I: IANTT. CARTÓRIO JESUÍTICO. MAÇO 68. DOCUMENTO 429. Colégio da Companhia de Jesus, Bahia. 3 de Agosto de 1608. Carta Ânua da Província do Brasil em 1607 ao Provincial da Companhia de Jesus em Portugal, o Padre Jerônimo Dias. Assinada por Manuel Cardoso, mas feita por comissão de Fernão Cardim.

Carta annua da Prouincia do Brasil de 1607

Auendo de dar conta a V.P. do fruto espiritual que Deus per sua misericordia ouue por bẽ colher dos trabalhos destes seus minimos seruos desta prouincia do Brasil assi da messe espiritual dos portuguezes, como do gentio natural da terra E escrauos de guine, me pareceo apontar primeiro em geral o numero de sogeitos, pera depois descer ao particular de cada Collegio, e suas residencias.

Ha nesta Prouincia em tres Collegios e desacete residencias cento E setenta cinco dos nossos. Oitenta E seis sacerdotes, professos de quatro votos vinte, de tres solenmes sete, formados trinta E quatro, Nouços quatorze. Lentes de diuersas faculldades onze, de Theologia dous, casos de consciẽça hũ, outro de philosophia, mestres de humanidade quatro, da Escola dos mininos tres. Falecerão em toda a prouincia dous, em seu lugar recebeo Deus em sua comp.^a cinco. Todos pella bondade do senhor ocupados em os ministerios da Companhia recolherão no Celleiro do mesmo senhor aquelle copioso fruto que uereres ouue em cada Collegio E suas residencias.

Collegio da Baya, E suas Residencias.

Teue este Collegio de ordinario este anno, Oitenta e quatro sogeitos assi com os que residirão na casa dos ilheos, como os que estiuẽrão nas Aldeas, dos indios christãos sogeitos a elle. Dos quaes forão trinta e sinco Sacerdotes, estudantes treze, Irmãos coadiutores os mais, alem de quatorze nouços ouue duas lições de Theologia, hũa de casos outra de Curso pella manhã E a tarde, Mestres de humanidade dous, da Escola de ler, escrever, E contar hũ. Todos pella bondade do Sor, trabalharão conforme seu talento, em cultuiar a uinha do Sor. Os mais se occuparão hũs no bem espiritual, assi dos portuguezes como dos seus escrauos pellas fazendas e engenhos, outros dos Indios christãos E infieis por suas Aldeas, cuio o fruto tanto mais se deue estimar, quãto os trabalhos excedem mais as forças E numero dos obreiros. As escolas florecerão não so na continuação dos estudantes, mas tambem em sãos costumes E assinaladas habilidades dos quaes parte entrarão na companhia, E parte em diuersas religiões. Por meo dos nossos se fizerão muitas restituções

E amizades de muita importancia. Entre as quais foi a que se fes entre dous nobres cidadãos, os quaes auendo tempos que andauão em publicos odios e pera se matarem, por meo dos nossos se fizerão amigos, cõ satisfação da ambas as partes E edificação do pouo. Outro andando pera uingar a morte do seu Irmão, E não querendo per nhũ modo perdoar, de tal maneira se abrandou cõ as rasões de hũ padre nosso, q não so de perdão da morte, mas perdoou a iniuria recebida. A outros muitos odios se atalhou com a boa industria dos nossos, E se derão alguas esmolas cõ que se socorrerão muitos pobres E necessitados. Nem faltou a charidade da comp.^a pera cõ os prezos, e delinquentes, antes a estes tanto menos, quanto mais desemparados, E assi a hũ homem entre outros, que estaua centenceado a fogueira, enuiarão dous padres nossos, os quaes de tal maneira o aparelharão pera morrer, cõ a confissão que fez de toda a uida, E outros meos que offerecendo lhe a iustiça a uida com q fosse algos da Cidade recusou, dizendo q não queria perder tão bom aparelho de morte, E assi morreo cõ grande dor de suas culpa, E mostras de sua saluação. Os escrauos de guine tem sua doutrina aos domingos cõ as quaes vaj hũ p.^e E hũ irmão pellas ruas E becos da cidade pera os aiuntar a ella, com o q resulta grande bê a Cidade, E se euitam muitos E graues peccados.

Quanto as missões, hũ padre cõ seu companheiro foj emuiado em missão a Cidade de Cyrigi o qual atalhou as muitas dicensões, E fes outras amizades entre as quaes foj a que fes entre o capitão da terra E hũ cidadão principal que andauão em publicos odios E tinhão posta a cidade em reuoltas sem quererem per nhũa uia dar perdão hũ a outro. O Cidadão mouido de hũa pregação do p.^e q a esse fĩ diriigio se ueo ter cõ elle offerecendose acertar p si, E q o p.^e fizesse estas amizades. E porq era negocio de que todos estauão escandalizados procurou de os fazer amigos tanto cõ mor cautella quanto per uezes outros religiosos não poderão fazer. Visita o p.^e ao capitão, o qual ainda que duro, E pertinas

[verso]

contudo cõ a brandura do p.^e se rendeo de modo que ambos os contrarios forão a Igreja em comp.^a do padre E mais pouo onde em presença de todos se abraçarão cõ palauras de bõs cumprimentos, E firmeza na amizade futura. Outras amizades se fizerão por meo do mesmo p.^e entre pessoas graues as quaes pedindo perdão hũas as outras dos agrauos passados edificarão ao pouo cõ sua satisfação, E Era comu a pratica entre todos dar Deus nosso Sõr particular falando aos da comp.^a pera extinguir odios E fazer amizades fizerãose nesta missão duzentas confissões, baptismos seis, cazamêtos em lei de graça oito. Nem foi pequeno o fruto que quatro padres nossos fizerão pello reconcauo

desta cidade no escrauos dos moradores, E tanto cõ mor cuidado trabalharão de os confessar E doutrinar, quanto menos os senhores procurão por isso, E não menor fruto rendeo aos escrauos que os senhores pois a estes aliuiarão dos escrupulos, E aquelles encaminharão pella estrada de sua saluação.

Quanto as Aldeas tem este collegio cinco debaixo de sua administração nas quaes residem de ordinario tres E quatro dos nossos com cuia uigilancia E bõ cuidado crece cada uez mais a boa doutrina dos cristãos, E se uão conuertendo outros a fee; nem so se occupão em ensinar, catiquizar, bautizar, E administrar os Sacramentos, mas tambem lhe seruem de emfermeiros E medicos em suas doenças E trabalhos corporaes, que são muitos, E tanto mais quanto menos a natureza os ajuda cõ a industria a resistir as doenças, que em especial este anno excederão aos passados das quaes morrerão So em duas Aldeas perto de duzentas pessoas, entre as quaes foj hũa molher christã, que uiuendo algum tanto distraida chegandose lhe a hora do parto sentiose affligida grauamente de grandes dores, manda chamar o confessor, chega elle, E acha a criança ya nada, a qual logo depois de baptizada morreo a maj que não estaua fora de perigo confessase, E recebe iuntamente o Sacramento da S^{ta} Unção, ella que o recebeo quietou hũ pouco fora de Si. Eis que tornando a esperar chama pello confessor a grandes brados, torna o confessor cõ grande preça, E a enferma começa a se angustiar cõ tanto sentimento que não sessaua de dizer que se sentia atormentada na consciencia, animandoa o p.^o a ter esperanças na misericordia diuina se tornou a confessar de nouo geralmente cõ grande dor E contrição de seus peccados, e assi em breue repetindo muitas uezes o nome de IESU acabou a uida com grande consolação por se ter confessada inteiramente. O que não foj pequeno argumento da sua saluação. Vendo pois os principaes das Aldeas do xpõ sancto E são João que a doença hia crescendo cõ morte de hus E outros, forão lembrar ao p.^o seria bem fazerem procissão pella aldeia, pera por este tão sancto meo aplacar ao Snõr, e impetrar delle o perdão do castigo q bem entendião terẽ merecido por seus peccados; o p.^o asinalou o dia, E nelle se fes hũa solenne procissão cõ muitos descipiantes em que leuarão o santissimo sacramento cõ grande pompa e deuoção do Indios, E dali por diante creceo mais a piedade nestas duas aldeas porque frequentauão mais frequentemente as igreias cõ grande edificação de todos, E o Senhor q he paj de misericordias ouue por bem amainar cõ o castigo de tantas doenças. Ensinase nas aldeas a doutrina christã cõ grande feruor, E não so esta, mas outros misterios particulares da uida E paixão de X^o, E dialogo pertencente a declaração do Sanctissimo Sacramento, a que respondem cõ tanta diligencia q he pera dar graças a DS. Os moços filhos dos Indios christãos são mais doces e de boas habilidades, porque alem de saberem a doutrina christã e dialogo das perguntas, aprendem també a ler E escrever,

E mujtos se exercitão no canto d'orgão em q são muito destros, E tangê frutas E charamellas cõ que celebrão as missas ã suas igreias cõ grande não menos espanto que edificação dos portuguezes. Aos sabados tem sua salue cantada. As sextas feiras da quaresma ouue procissão cõ ladainhas cantadas, e no fim della disciplina na igreja. Em tres Aldeas se enserrou o Sanctissimo Sacramento, pera o que se fizerão os sepulchros cõ amor aparato q foj possiuel conforme a possibilidade das aldeas. Outros muito seruicos de ds se fazê nas Aldeas que por serẽ ordinarias se não apontão. As confissões deste anno pertencentes ao Collegio forão des mil cento E quarenta e noue, geraes cento quarenta E hũa, comunhões quatro mil noucentas e quarenta E seis, baptismos, quarenta e seis. Casamentos, duzentos E quarenta.

Caza dos Ilheos

Este anno não tiuemos carta dos ilheos. Residem naquella casa quatro dos nossos dous p.^{es}, E dous Irmãos

[Folha 2]

cõ grande credito da comp.^a que alem de procurarem seu proprio bem espiritual se exercitão tambem do bem dos proximos, confessando, baptizando, E pregando. Nem he menor o cuidado que tem na doutrina dos gajmores, que cõ serem gente groceira, E uagabunda, colhe contudo ds do meo de tão asperos espinheiros suas flores que são as almas das crianças que morrem bautizadas, E dos Adultos que depois de catiquizados, E instruidos na fe bautizã in extremis, E uão gozar do Snõr que he marauilhoso em suas obras, E occulto em seus iuizos.

Collegio do Rio de Ian.^{ro} E suas Residencias

Neste Collegio residirão este anno de 607 trinta e quatro dos nossos, desanoue padres E quinze Irmãos, delles estudantes quatro, E os mais coadiutores, Mestres tres, hũ de casos, o 2^o de humanidade o terceiro de ler e escreuer; todos pella bondade do senhor tiuerão saude, donde naceo trabalhar cada hũ tanto mais em seu mor bõ espiritual, quanto foj o cuidado que tiuerãoem se recolherem na renouação dos uotos. Continuarãose em nossa Igreja as pregações acostumbradas com tanto fruto que muitos mouidos dellas fizerão confissões geraes de toda a uida, E se fizerão muitas amizades de grande importancia. Por nosso me se composerão dous parentes que sobre certa herança andauão auia tempos em odios e malquerenças E por conselho de hũ uierão a concerto de partilhas ficando ambas as partes satisfeitas com sua porção.

Auia algũs annos que certas pessoas não corrião bem cõ escandalos da terra, por meo nosso uierão a este Collegio, E se falarão, E fizerão amigas. Entre o prouizor, E irmandade da s^{ta} Misericordia se temião dicensões E encontros sobre a materia da iurdição, meterãose por meo os nossos padres e foj deus seruido que não fosse por diante o fogo que se começaua atear, E se atalhou ao interdecto que o Vigairo queria por a Cidade. Duas familias se Composerão em boa amisade E de hũa dellas alcançou hũ nosso perdão da morte de hũ homem que auia muitos annos se não podia alcançar por estarem muj areigados em odio mortal, contudo cõ ajuda do Sõr se concluyo tudo cõ grande edificação da cidade. Derãose alguas esmolas a pessoas necessitadas por meo dos nossos que ajudarão remedear suas necessidades.

Continuase a doutrina dos escrauos na nossa igreja todos os domingos E dias sanctos pella menhã E logo depois della se diz hũa missa no seu altar dos Reis magos onde assistem os mordomos com suas tochas acezas pera acompanharẽ ao p.^o ao altar, e todos os mais a ouuem cõ muita deuoção. Tambem os estudantes se esmerão em summa deuoção, E em particular se auentarião os comfrades das onze mil Virgẽns na confissão e comunhã, E tomão suas disciplinas mormente na quaresma ao que se aiuntão hũa ues na semana na nossa igreja, E cõ elles outros homens graues da terra.

Este anno não ouue missão algũa, so tornarão os padres que o anno passado forão enuiados aos Carijos, nẽ colherão o fruto que esperauão de seus trabalhos assi pella insaciauel cobiça dos Indios feiticeiros, que salteãdo aos que ~~uinhão~~ uem de suas terras, a falar, uer, E comunicar cõ os nossos padres, os uendem por enganos e manhas aos portuguezes por roupas E ferramentas E outras cousas que sua cobiça dezeiaua, como tambem por serem estes feiticeiros fauorecidos dos portuguezes de tal maneira, que tendo mais conta cõ seu interesse E proueito temporal sem respeito ao seruiço de Ds, S^r bem Seu, E saluação das almas, empedem por esta uia a promulgação de nossa lei, ou pello menos desacreditão os pregadores della. Contudo não foj tão poderoso o poder do demonio, que não recollessẽ ainda ao rebanho de uerdadeiro pastor duzentas almas, E quanto elle sentisse fora de suas mãos esta preza, E ainda dos nossos padres aos carijos ueremos, pello que depois redio(?) em dano destes pobres Indios. Vindo os padres em direitura para o Rio de Jan.^{ro} cõ esta gente forão forçados pellos uentos contrarios a tomarem a capitania de Sanctos, Onde o capitão da terra Sabendo da chegada destes Indios resistio cõ todo pouo aos padres a leuarem aquella gente fora da terra, procurãdo ou cõ ameaças, ou constringidos com fome inclinalos a que se diuidissem pellos moradores, E assi ficarem pouco a pouco escrauos dos portuguezes; resistirão a esta pretensão

cobiçosa os padres, E concluirão que pello menos Se puzessem em hũ lugar como em aldea

[verso]

ainda que cõ grande perigo de sua liberdade, onde agora estão, E são uisitados de quando Em quando ate se tomar a ultima solução no negocio.

Tem este Collegio duas aldeas hũa de visita, Em outra residem quatro, dous sacerdotes E dous Irmãos o fruto que nellas se colhe h o comũ. Todos os dias se ensina a doutrina christã aos moços E aos mais da que della acodem, no que se ue notauel proueito, E principalmente se esmerão ã uisitar aos doentes, E tanto que tanger a Sancta Unção a qualquer tempo que seia acodem todos cõ suas candeas nas mãos acompanhar ao padre cõ grande deuocão, E piedade. Os moços de abilidade aprendem a ler E escreuer, tanger frautas, E cantar canto d'orgão, cõ que beneficião as missas cantadas E Vesperas pellas festas do anno cõ ~~gran~~ extraordinaria consolação, E edificação dos portuguezes.

Do materal do Collegio se perfeçoarão de todo as oficinas refeitorios E cosinha, E se fechou o Collegio, E se guardou o patio de dentro com que fica tudo recolhido. Tambem se perfeçoou a capella dos Irmãos, e se fes pera ella hũ alampadario de prata que custou setenta E hũ mil E quatrocentos reis, o qual arde sempre diante das Sanctas reliquias que estão ã hũ tabernaculo posta em suas casinhas forradas de ceda, E ornadas cõ passamanes douro, E se podem fechar E abrir em os dias de festas. Tudo isto se fes de esmolas que algũas pessoas deuotas derão a este Collegio, entre as quaes hũ homẽ deu empeças E fazenda dous mil crusados. As confissões deste ano forão seis mil E quinhentas E sincoenta e duas, geraes nouenta, Comunhões quatro mil quatrocentas E cincoenta, baptismos duzentos E dous, casamentos cincoenta.

Casa do Espirito Sancto E suas Aldeas

Residirão nesta casa cõ suas residencias doze, oito padres, E quatro Irmãos. Todos se occuparão em os ministerios da Comp.^a os pregadores em pregar, assi na nossa igreja, como na matriz, E conuentos de religiosos do que resultou grande seruiço de ds E bẽ da terra. Hũ homẽ tinha mandado dar hũa cutilada pello rosto a outra pessoa nobre: este ouuindo hũa pregação de hũ nosso p^e, não so desistio do intento, mas pedio perdão do que mandaua fazer, E perdou (sic) a iniuria recebida. Duas mulheres q andauão em odio, moidas de sua pregação se pedirão perdão, E cõfessadas inteiram.^{te} ficarão amigas. Aos domingos da quaresma ouue doutrinas com grande concurso de gente, E musica pera aleuiar o enfadamento dos ouuintes E forão de muito proueito porq

se fizerão algũas confições bem feitas. Hũa moça tinha ouuida (sic) hũa Istoria de Confissão Indo pera casa contou a seu paj, o qual com ella ficou tão mouido, que uindo ter cõ o confessor se confessou, E mudou o ruĩ estado de uida em que estaua. Outros se poserão em bom estado fazendo confissões geraes em q auia annos mal se confessauão.

Em quatro aldeas que esta casa tem a seu cargo residirão, dous, E tres dos nossos, os mais Sacerdotes. Em todas se recolhe o fruto acostumado. Na aldea de Reritiba foj nosso sõr seruido leuar pera si o p.^e Diogo fernandes carregado de muitos annos, E trabalhos aos 28 de Abril, com grande sentimento assi dos nossos como de toda a Aldea. Foj mũj amado E respeitado dos Indios o q mostrou bem o pranto q fizerão na sua morte, porque todos concorrerão a Igreja, E cõ lagrimas dizião Suas lastimas chamandoo paj mestre, guia, E consolação de suas tristezas, E uendo a Enxada cõ que auião de fazer a sepultura pegarão de tal maneira della q não querião consentir fosse seu paj enterrado. Poserãoelho no meo da Igreja onde todos o tocarão, E os paes leuarão seus filinhos nos braços pera que també tocassẽ E se despedissẽ de seu uerdadejro paj. Aiuntarãose os padres das outras aldeas uesinha pera lhe fazerem o officio, E cõ a Igreja ser mũj capas, ~~E a Igreja~~ E a Aldea ter mais de duas mil almas se encheo de gente, e todos grandes E pequenos cõ suas candeas a rezar nas mãos E contas de rezar assistirão ao officio, depois do qual se recolherão pera suas cazas leuã do terra da sepultura como por reliquias tanto era o conceito de Sanctidade q tinham delle. Na Villa tambem lhe fizerão celebrar as exequias assistindo a ellas os principaes da terra. Foj o p.^e Diogo friz en (sic) todo o tempo que uiueo na comp.^a que forão passante de quarenta annos hũ homẽ de m.^{ta} vertude, mũj zelozo da saluação E conuersão dalmas, E principalm.^{te} das mais dezemparadas

[Folha 3]

Daqui naceo ter ido noue uezes ao Sertão a descer E trazer almas pera a Igreja, E assi por estas uezes conuerteo mais de doze mil almas, E lhes ensinou o uerdadeiro caminho da saluação. Do certão uierão numero de cem almas pera a Igreja, E duas aldeas mandarão dizer as mandassem buscar. Ia (sic) lá são algũs Indios christãos, esperamos em o sõr que p meo destes, E cõ a boa industria dos nossos se recolhão muitas ouuelhas perdidas ao rebanho de X.^o Hũ Indio uelho uindo de suas terras pera a Igreja cõ dezeios de bautizar quando se uia em algũ perigo, ou de fome, ou de ser comido de bestas feras pedia a Ds que pois se lhe uinha entregar tiuesse particular cuidado delle, E assi o fez o sõr cõ o seu nouo conuertido, dando lhe sustentação sem trabalho seu E liurando de muitos perigos de morte; agora anda aprendendo o catecismo, cõ tanto feruor

que esperamos muito cedo seia bautizado, E seia hũ exemplo de uerdadeiro christão pera cõ os seus parentes. Hũa moça andando aprendendo o catecismo cajo em hũa graue enfermidade, pede ella cõ grande instancia a bautizê. O padre uendo o perigo em que estaua a bautizou logo, E assi de repente morreo, o que foj cõsolação grande, Esperanças de sua saluação. As confissões deste anno forão duas mil trezentas E hũa, comunhões pouco mais de oitocentas.

Caza de Sanctos E Piratyninga

Na caza de sanctos residirão cinco sogeitos dous padres E tres Irmãos occuparão se depois de adquirir a propria perfeição, empregar, E confessar ao pouo, do que ouue notauel fruto. Hũ homem auia muitos annos que emcobria seus peccados na confissão, ouuindo hũa pregação de hũ nosso se conuerteo E se confessou logo inteiramente. Tem esta casa duas aldeas de Indios de visita, onde uão algũas uezes pello anno, E se faz muito fruto espiritual nas almas confesando, ensinando o catecismo E bautizando aos innocentes, E adultos un extremis das quais se pouoão os Ceos cõ grande gloria do sôr. O material desta casa se aumentou muito E se perfeiçoo a Igreja. As confissões forão setecentas e trinta e cinco, comunhões quinhentas E cincoenta, bautimos cincoenta.

Da Residencia de piratyninga não tiuemos carta este anno, contudo sabemos que en (sic) tudo os nossos que naquella casa residem procurão o bem espiritual dos proximos, porque todos se occupão cõforme a occupação de cada hũ confessar, pregar, E bautizar aos Indios pagãos instruidos na fe, confirmar E doutrinar os ya bautizados. Nem he menor o cuidado que se tem da gente guamarirã, em a ensinar nas cousas de sua saluação, E reconhecimento de Ds. E pera isso aprendem a lingoa que he diferente da comũ de q se uza no brasil. E hũ padre que sabe mais della se occupa muj em particular cõ elles, E ganha cõ isso muitas almas pera Deos.

Collegio de Pernambuco, E suas Aldeas

Sostentou este Collegio este anno trinta e dous dos nossos, quatorze Sacerdotes, E os mais Irmãos ouue algũas indisposições, mas pella bondade do Senhor não forão de dura nem graues, so escolheo pera si a ditoza alma do p.^e João Gomez, o qual antes de dizer missa noua cayou em hũas rijas febres que gastandoo pouco E pouco em dous meses conclujo o termo de sua uida, mostando em todo o tempo que uiueo na comp.^a q forão quinze annos, E muito principalm.^{te} no da doença m.^{ta} uertude, E paciencia que mais mouia a edificação q a compaixão, E assi morreo con (sic) tanta quietação como se o mesmo senhõr mais o fizera leuemente adormecer que morrer. Tinha particular

caridade, E compaixão dos doentes donde naceo tomar o trabalho de curar a hũ padre tisico ate a morte cõ grande edificação E satisfação de todo o Collegio. Os mais a quem o sõr concedeo p mais tempo a uida se ocupão em os ministerios da Comp.^a pregando, confessando, E ensinando hũs na Villa, E pouoações dos portuguezes, outros pellas fazendas E engenhos, E daqui resulta -

[verso]

rão muitas amidades, apartamentos de odios, E outros seruiços de Ds. Tres pessoas ouuindo a hũa pregação mouidas de Ds se uierão confessar a este Collegio, E andando em odio se fizerão amigas confessando que nosso sõr as mouera por meo da pregação. Este, E outros semelhantes fruitos se colhem do trabalho dos nossos que p serem ordinarios se não apontão

Com os Indios christãos E gentios que habitão em sete aldeas onde auera perto de uinte mil almas, afora outros muitos milhares do Rio Grande se trabalhou este anno como os passados, E se colheo o fruto conforme a medida, E numero dos obreiros. Fizerão se procissões da quaresma tuierão suas disciplinas, E exortações espirituais com particular moção de lagrimas. Em a Aldeade nossa Srã da Escada se enserrou o Snõr a petição dos christãos cõ aquelle aparato a que chegou sua possibilidade, E outros paços de deuoção. E mostrouse bem sua piedade, E esta deuoção em q no tempo em que o Sñor estaua enserrado vierão cincoenta frecheiros a Igreja, E se poserão diante do Sanctissimo Sacramento em guarda perseuerando ate outra uez se desenserrar o que causou nos brancos não menor admirão (sic), que edificação, atribuindo tudo ao bõ ensino q a companhia daua a gente pouco antes cega E sã conhecimento de Deus. Todos os dias se ensina nas Aldeas a doutrina christã, E o catecismo aos Indios E gentios, a hũs pera confessarẽ o que aprenderão, E outros pera saberẽ o que hão de crer sem E serem bautizados. Este ano em particular ouue mor occasião de trabalhos por uia da grande saca E fome que ouue, E assi forão constrangidos hũs p^a irẽse de suas aldeas pera as fazendas dos portuguezes buscar de comer, outros meterãse no interior do sertão a colher frutas, E arrancar raizes deruas pera remediarẽ suas necessidades, E outros per não mais poderẽ chegauão a nossa portaria a pedir hũa esmolla offerecendo seus filhinhos nos braços, cõ quẽ os padres repartião liberalmente das esmollas q os outros lhes trazião, deixado pera si a menor parte.

Quanto as missões, fizerão este anno duas hũa ao Rio Grande onde forão enuiados dous padres, assi pera remedio E consolação dos soldados E moradores daquella fortaleza, como principalmente do gentio da terra que são muitas, forão bem recebidos de hũs E outros. Em particular não sabemos do fruto que la fizerão este anno por não termos cartas suas, so sabemos que fazem muito

no bẽ das almas por serẽ obreiros uersados na uinha do senhor, E instruindo catiquizando, bautizando ganhão muitas almas pera Deos. Deceo deste anno do Sertão hũa noua casta de gentio a que chamão Iucurijũ, gente não menos barbara E rustica, que fera E alhea de rezão. E admira a crueldade de seus costumes porque as molheres comẽ a todos os corpos mortos de seus parentes cõ esta diferença, que aos principaes comẽ cozidos, E aos outros assados, E se os não podem comer a todos, queimão aos que ficão, E as reliquias de tão Execrandos maniares, dando per rezão deste seu mais brutal que humano costume a mesma sã rezão porque dizem ser mor indicio de amor E piedade sepultarẽ seus parentes em si que na terra entregandoos aos bichos, E animaes della. Nem he este o ultimo de seu brutal costume pois tambem tem per piedade as molheres quando os maridos adoecem matarem seus filhinhos E darem lhos a comer. Cegueira assas barbara E digna de pedirmos ao Snõr queira alumnar cõ a lus da fe a gente tão alhea não so della, mas ainda da mesma resão. Outros costumes tem que sã as molheres andarẽ cõ os cabellos cortados como os homẽs, E os machos credidos E soltos, como as molheres. Os mancebos enquanto não casão andão cõ a corroa aberta como clerigos, E depois que se recebem deixão crecer o cabelo como os mais. Esperamos que o Snõr p meo dos nossos alumie a esta gente, E pois ella deceo p^a a Igreja hirão pouco E pouco dispindo estes costumes como fizerão os maes que hoje são christãos.

A segunda missãõ foi ao Maranhão a qual ainda que não teue, o sucesso dezeiado, cõtudo apontarei as cousas de edificaçãõ que na Viagem socederãõ. Forãõ enuiados a esta missãõ os padres Francisco Pinto, E Luis Figueira, aquem acompanharãõ algũs Indios de nossas Aldeas. Caminharãõ sempre a pe cõ seus bordões nas mãos, E breuiajros pera resar, padecendo em

[Folha 4]

a uiagem muitos trabalhos E deficuldades assi pella aspereza dos Caminhos porque hũas uezes caminhauãõ por serras sobindo rochedos tão altos que excedem a toda a exageraçãõ, outras andauãõ muitas legoas cõ as lamas E aguas ate os joelhos, como tambem por a carestia dos maniares, E mantimentos que so se sustentauãõ de lagartos, cobras, caracoes, raizes E folhas deruas. Desta maneira caminharãõ muitos dias por matos tão espessos que alem de irẽ abrindo o caminho a força de braço, não sabiãõ fazer diferença do dia E da noite. A isto se aiuntarãõ os perigos das pasagens dos Rios de que ~~todo~~ esta todo aquelle sertão talhado, as pergas dos bichos peçonhentos cobras de muitas castas, aranhas, carrapatos, mosquitos que estranham^{te} magoãõ finalmente depois de tudo isto ouuerãõ de chegar a Serra de Ibiapaba que dista mais de cem legoas de pernambuco em tres meses de uiagem onde forãõ bem

recebidos dos Indios moradores E cõ muita festa de atambores, buzinas, frautas, E cascaueis leuandoos as costas em suas redes a modo dardas. Aqui souberão os padres do estado do Maranhão, E dos francezes que nelle auia, querendo pois continuar sua derota acharão o caminho empedido de tapujas inimigos, E assi lhes foj necessario fazer pazes, pera o que mandarão algũs Indios cõ resgate a tratar delles. Neste comenos que foj espaço de quatro ou cinco mezes determinarão occuparse na doutrina dos natuares daquella cerra: pera o que fizerão Igreja onde dezião missa E acodião os Indios a ouuila, E aprender as cousas de Ds, tinham paricular cuidado dos moços ensinandoos a ler E cantar, E com ao principio fugirẽ dos padres, ia então se não podião apartar delles. Fizerão algũs de innocentes que logo depois de bautizados morrerão. Tirarão muitos abuzos como foj que quando ouuião algũ estrondo no ar os feiticeiros dizião ser uoz de cobra, E assi ~~fazião~~ dauão palmadas pera q todos estiuessẽ espertos, E não fossẽ mordidos della. Venerauão aos relampagos E trouões, E quando os ouuião se punhão de joelhos pedindo os não matassẽ, nẽ queimassẽ. Estes e semelhantes erros lhes tirarão ensinandolhes a seu modo q cousa erão os trouões E como se fazião. Também ajudarão a algũs potuguezes que entre elles uiuião sem lembrança de Ds E de sua saluação, por conselho dos padres se confessarão Ecomungarão com proposito da emenda pois tinham uiuido ate ali, como aquelles en (sic) cuja companhia andauão.

Neste tempo tiuerão os nossos algũas esperanças de pazes ainda que fingidas E solapadas pello q decerão pella cerra abaixo mandando nous embaixadores cõ presentes que elles receberão quebrando a cabeça aos mensageiros, E pondose iuntamente em caminho pera fazerem o mesmo aos padres E assi aos Onze de iunho de 608 (sic) pella menhã dão os contrarios seluagẽs de subito nos Indios christãos, auendo peleia de parte a parte. O P.^e francisco pinto que neste tempo estaua recolhido em a choupana resando suas oras ouuindo a gritar a pelleia sayo fora, o qual uisto dos tapuyas contrarios carragerão mais dezeios de o matarẽ, os Indios christãos gritauão que aquelle era o padre Abaré que lhes queria ensinar a boa E Sancta lei, que o não matassẽ. Elles não dando por isso, chegou hũ sã achar ia resistencia, pois todos estauão ~~põ~~ ou mortos, ou postos e saluo, E cõ hũa espada de pao lhe quebrou a cabeça de modo que lhe fez ã pedaços, derubandolhe (sic) os queixos, E machucando lhe as cachagẽs E os olhos,²⁹ E assi acabou este sancto p.^e nesta empreza q tantos annos auia tinha pedida aos superiores, E profetizada em Enigma pello sancto padre Ioseph de Anchieta apostolo do brazil. O P.^e Luis Figueira que neste tempo acertou estar noutra choupana cõ os moços sabendo o que se passaua, E não podendo socorrer ao p.^e fr.^{co} pinto, E dos mais q cõ elle morrerão, Voltou pera tras frustado das esperanças de poder continuar a missão do Maranhão,

certo porem na confiança em Ds que quando for mais seruido, então facilitara as cousas que agora a empedirão pera maior gloria sua, E bem daquella pobre gentilidade. Esperamos pello padre cedo a quẽ Deus traga cõ bem E saude, E consolação de todos.

O Collegio uaj se perfeiçoando cõ a mor diligencia possiuel. Fizerão nouos cubiculos, E acabouse a capella, a qual esta toda ornada de paineis da Vida do nosso beato P.º Ignacio, com suas

[verso]

Cornijas em redondo, frizos, e arquitraue dourados as mulduras que a uẽ cercando toda pello tecto tambem se pintou o relicario onde estão algũas reliquias as quaes esta a cebeça de hũa das onze mil Virgens em hũ corpo de prata que ueo do Reino feito de obra milaneza muj bem acabado. As confissões deste anno chegarão a sete mil trezentoas E Vinte cinco, geraes quarenta E oito, bautismos mil e cento E cincoenta e seis, cazamentos duzentos e setenta E hũ. Isto he o que se offereceo pera dar conta a Vossa Paternid.º das cousas de edificação E fruto espiritual que deus teue por meo destes seus minimos seruos nesta prouincia do Brasil ao anno de mil e seiscentos E sete da messe espiritual das almas, queira o Sõr remunerar na outra uida estes E outros seruiços conforme ao talento de cada hũ. Na mũj sancta benção, E s^{tos} sacrificios de Vossa Paternidade me encomendo. Da Bahia 3 de Agosto de 1608.

Por comissão do P.º Prouincia

+

Manoel Cardozo

CARTA II: Real Academia de Historia de Madrid. Colección Jesuitas Tomo CLXXXV, Doc. Nº 7. Colégio da Companhia de Jesus, Bahia. 1 de Outubro de 1618. Carta do Padre Fernão Cardim para o Padre Antonio Colaço na qual trata da construção de navios na ribeira da Bahia.

IESUS

Pax Christi

Satisfarey nesta ao q V.R. me Pergunta. S. Se se poderam fazer Nauios neste estado, pera acompanharem as frotas, q daqui Partem pera Portugal ao que Respondo;

1. Esta materia se tratou ja em diuersos tempos por Parte dos Conselhos do estado de Lix^a, E não Pareceo fazerêse ca.

2. Em este estado não faltão madeiras Pera Nauios Em abundancia em muytas Partes, ainda que são Pezadas, E Durão menos, q as de lá, por qua se darem em lugares mais humidos, E aquosos.

3. Parece q não conuem fazerêse na emseada, ou Angra dos Reys, q Esta na Ilha grande, doze legoas Pera o Sul; do Rio de Jan.^{to} Por ser lugar desemparedado, E porto aberto; E cada anno Emfestado de Cossairos francezes, Engreses, E olandeses onde os nauios Nossos tem tomados m.^{tos} que aly uão Espalmar. E como não tem defesa, ou sera neces.^o fazersse aly hum bom forte, ou ter soldadesca, porq os imigos os não queimê achandoas começadas, ou leuem ja feitas.

4. Auendosse de fazer ca os galiões, antes nesta Bahya, onde estaram seguras, nẽ faltam medeiras, q Podem Vir Em barcas ou dentro deste Recõquauo, ou de fora, ate 12. ou 20 legoas de distancia

5. fazerêse ca os galiões tem os Incõuenientes seguintes 1.^o Por parte do massame, E Velame, porq os materiaes, ferro E breu, Aço, Estopa, Cordoalha, cabos, Amarras, he nec.^o Virem de lá. Porque Cabos de Embira, E amarras de guêbeé

Nem seruem em Naos grossas de guerra, nem Velas dalgodam, q se faram ca devagar nẽ seram de dura.

Item quando os quiserem armar he necess.^o Vir dela artelharia, arcabuzaria, Poluora, E munições.

6. Officiaes primos para taes galiões não se acharam, E he neci.^o virem de la cõ seus instrumentos, q ca os não ha. nẽ ferreiros, q saibam fazer semelhantes obras.

Item estes officiaes Em Lix^a leuão atostam, E Ca a Cruzado, E a duas patacas por dia, E de comer, E beber uinho, E como não ha praça tudo custa muyto.

Item Se trouxerẽ suas famílias sera Embaração. Virem sem Ellas tem incouẽnientes, q se deixam de uer.

Item como a terra he desleixada, mais trabalha hum official no Reyno Em hũ dia, q ca Em dous, ou tres. como se experim.^{ta} E assi custara muyto menos fazerêse lá. ou no Porto, Biscaya ou Alemanha. O galiam q la custar Vinte mil Cruzados, Custara cá sobre quarenta mil, E da ventagem.

Item farseam mais devagar, o q Parece claramente, não ser Emcõmodo, E Prol da faz.^{da} de sua Mag.^{de} antes se faram gastos excessiuos.

Isto me Parece E comigo os homens de experiencia daqui Podera S. Excellencia Ver o q mais seruira. Em os Santos Sacriff. Baya 1º de outubro de 618

Fernam Cardim

[Verso]

Ao P Antonio Collaco da Comp.^a de Jesu procurador geral dos p^{es} de Portugal

2.^a Via Madrid

P^e Fernão Cardim sobre a fabrica de galeoens no brasil

Notas

¹ PRIMEIRA Visitação do Santo Officio às partes do Brasil: Denunciações da Bahia. São Paulo: 1925. p. 327.

² VARNHAGEN, Francisco (org.). *Narrativa Epistolar de uma Viagem e Missão Jesuítica*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1847. Para um estudo mais recente da Narrativa Epistolar ver a dissertação de PIRES, Maria Antonieta *A narrativa epistolar de Fernão Cardim: a “Carta Ânua”, ou o outro lado da narrativa*. [Texto policopiado]. Tese mest. Literaturas Brasileira e Africanas de Expressão Portuguesa, Univ. Lisboa: 1996.

³ CARDIM, Fernão, S.J. *Do principio e origem dos Indios do Brazil e de seus costumes, adoração e cerimônias*. Rio de Janeiro: Typ. da Gazeta de Noticias, 1881; CARDIM, Fernão, S.J. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Leite, 1925. 2a Ed. São Paulo: Comp. Editora Nacional, 1939; CARDIM, Fernão, S.J. *Tratados da terra e gente do Brasil* / transcrição do texto, introd. e notas Ana Maria de Azevedo. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997; CARDIM, Fernão, S.J. Carta do Padre Provincial Fernão Cardim para o nosso Reverendo Padre Geral Cláudio Aquaviva. In: Annaes da Bibliotheca Nacional. Rio de Janeiro: Vol. XXIX, 1907. Pp. 183-184.

⁴ No século XVII, Gatehouse guardou os principais dissidentes políticos da Inglaterra, incluído Sir Walter Raleigh.

⁴ GUERREIRO, Fernão, S.J. *Relação Anual das coisas que fizeram os padres da Companhia de Jesus nas suas missões nos anos de 1600 a 1609*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931. Vol 2. p. 4 e 9.

⁵ *CALENDAR of the Manuscripts of the Most Hon. the Marquis of Salisbury, K. G., etc. preserved at Hatfield House, Hertfordshire: Historical Manuscripts Commission*. Hereford: Eyre and Spottiswoode. 1883- 1915. Volumes IX, X e XI.

⁶ GUERREIRO, Fernão, S.J. *Relação Anual das coisas que fizeram os padres da Companhia de Jesus nas suas missões nos anos de 1600 a 1609*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931. Vol 2. p. 4 e 9.

⁷ Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Cartório Jesuítico. Maço 68. Doc. nº 429.

⁸ LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil* (HCJB) 10 volumes. Lisboa : Portugalia ; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938-1950. Vol. 8; p.141.

⁹ ARSI. Brasília 8, fls. 65-69. LEITE. HCJB. Vol. 8; p.11.

¹⁰ LEITE. HCJB. Vol. 8; p.132.

¹¹ *Ibidem*; p.137.

¹² ABREU, João Caspistrano de (Org.). *Informações e fragmentos históricos do Padre Joseph de Anchieta, S.J.(1584-1586)*. In: *Materiaes e achêgas para a história e geographia do Brasil*, Vol. 1. Rio de Janeiro: Impr. Nacional, 1886;

¹³ Sobre a participação das tropas indígenas, oriundas das aldeias jesuíticas no Recôncavo Baiano, contra os neerlandeses na conquista de Salvador ver PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro; MAGALHÃES, Pablo Antonio Iglesias. Muros do Recôncavo: a capital da América Portuguesa transferida para aldeamentos jesuíticos (1624-1625). In: *Revista CLIO* nº 25.2 (Dossiê História dos Povos Indígenas). Recife: PPGH/UFPE, 2007.

¹⁴ LEITE. HCJB. Vol. 8; p.239.

¹⁵ STUDART, Guilherme. *Commemorando o Tricentenário da vinda dos Portugueses ao Ceará* p. 160-193. LEITE, Serafim. *Luiz Figueira: a sua vida heróica e a sua obra literária*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1940. p. 105-152.

¹⁶ LEITE. HCJB. Vol. 8; p.237.

¹⁷ SALVADOR, Fr. Vicente do. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Weizflog, 1918. p. 412-415.

¹⁸ Real Academia de Historia de Madrid, Colección Jesuitas, Tomo CLXXXV, Doc. nº 7.

¹⁹ VARNHAGEN, Francisco. *História do Brazil*. Madrid: Laemmert, 1854. Vol. 1. p. 296.

²⁰ Vide a respeito o "Diálogo sobre a conversão do gentio" de autoria do Padre Manoel da Nóbrega.

²¹ GONÇALVES, Regina Célia. *Ação Missionária e identidade jesuítica na Província do Brasil*. In: *SAECULUM, Revista de História*, (15), João Pessoa, EDUFPB, jul/dez.2006. PP.189 -196.

²² CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril. Os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil – 1580 – 1620*. Bauru, EDUSC, 2006, P. 45.

²³ CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. Op. Cit. P.69

²⁴ CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. Op. Cit. P.401-6.

²⁵ SANTOS, Eugenio dos. *Índios e Missionários no Brasil Quinhentista: do confronto à cooperação*. In: dialnet.unirioja.es

²⁶ CASTELNAU-L'ESTOILE, op. cit. PP. 385-6.

²⁷ Castelnau-L'Estoile afirma que o termo consolação na perspectiva inaciana é um estado de espírito a ser atingido pelos praticantes dos *Exercícios Espirituais* instituídos por Inácio de Loyola. Desenvolveria a sensibilidade para apreciar a beleza e percebê-la como um sinal da presença divina. CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. Op, cit. PP. 386-7.

²⁸ Devemos observar que o que Cardim chama de Pernambuco, corresponde, naquele momento, às áreas dos atuais estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Piauí e parte do Ceará.

²⁹ Para analisar as semelhanças com os rituais antropofágicos entre os Yanomami, vide ALMEIDA, Maria Cândida F. de. *Tornar-se o Outro: o topos Canibal na literatura brasileira*. São Paulo: Annablume, 2002.